

## São Gregório Magno e as origens do Ensino Personalizado – da *Conspersio* aos *Temperament Types*

Prof. Dr. João Sérgio Lauand  
Núcleo de Antropologia UNIFAI – EDT (São Paulo)

**Resumo:** O artigo examina a contribuição de Gregório Magno para a Psicologia da Educação, explicitando a necessidade do ensino personalizado, referindo-se também às diferenças de temperamento. Discute-se também a relação com a moderna teoria dos Tipos de Temperamento de Keirsey.

**Palavras-Chave:** Psicologia da Educação. Ensino. Gregório Magno. Tipos de Temperamento. Keirsey.

### S. Gregory and the origins of personalized teaching. From *conspersio* to the Temperament Types

**Abstract:** The article examines the contribution of Gregory the Great to Psychology of Education, making explicit the necessity of personalized teaching, taking in account differences of temperament. The comparison with modern Temperament Types (Keirsey) is discussed too.

**Key-words:** Psychology of Education. Teaching. Gregory the Great. Temperament Types. Keirsey.

### Ensino personalizado

Instrução, por razões de diversos ordens, agrupa. Quer se trate de ensinar tabuada, catecismo ou procedimentos do Bope, reúnem-se os alunos (em geral, algumas dezenas) e é dada a aula. Nada mais natural: poupa-se tempo e dinheiro, estimula-se a socialização etc. Mas, o que é ensinado e o modo como se ensina é dirigido a um indivíduo ideal, que representa, no melhor dos casos, a “média” da turma. Em qualquer caso, para alguns a explicação parecerá rápida demais; para outros, tediosa; para alguns, oportuna; para outros, insuportável.

Educadores idealistas sempre sonharam a escola como um lugar agradável, onde cada um se sentiria à vontade; afinal, *escola*, deriva do grego *skholé*, (próxima ao nosso “lazer”), que é, segundo Aristóteles, aquela atitude de bem estar da alma, básica para aprender (como *estudar* procede de *studio*, fazer algo com zelo, gosto, diligência, afeto...). Mas, na prática, estando na “turma” (por vezes até com um número para a chamada), sendo membro da “classe”, do grupo, nem sempre o aluno se reconhece naquela “média ideal”, para a qual se dirige o ensino, ou não encontra “seu espaço”.

Consideremos, por exemplo, certos cursinhos preparatórios para vestibulares: cem alunos em classe, o programa está totalmente pré-determinado e a aula, digamos, M13 de matemática, é dada de modo praticamente idêntico nas diversas classes e filiais.

Aula, sem mais, é coletiva (e, quando isto excepcionalmente não ocorre é necessário especificar que se trata de uma aula *particular*). Mas, mesmo numa aula particular, o aluno pode ser ignorado em sua personalidade e ser tratado como “turma de um só”. E, reciprocamente, pode dar-se o caso de, mesmo numa aula coletiva, o estudante se encontrar plenamente atendido em suas necessidades pessoais de aprendizagem, “jogando em casa”.

Naturalmente, pode também, a bandeira da “educação personalizada” ser utilizada como propaganda (em alguns casos, enganosa), por escolas particulares, como justificativa para altas mensalidades ou até de fomento de curiosas idiossincrasias...

## Gregório, o Grande

Personalizar é “descer” do abstrato aluno (ouvinte, fiel, eleitor...) ao indivíduo concreto, com sua história, condicionamentos, pré-requisitos etc. É o que propõe o papa Gregório Magno (c. 540-604) na parte III de sua *Regra Pastoral* - um dos livros formadores do Ocidente - parte dedicada precisamente ao ensino do pastor (ensino que deve ser voltado para as particularidades de cada um).

Em um de seus ainda recentes discursos sobre Gregório Magno e sua *Regra Pastoral* (citaremos o de 04-06-08), o Papa Bento XVI chama a atenção precisamente para sua proposta educativa personalizada:

Retomando um tema preferido, ele afirma que o Bispo é em primeiro lugar o "pregador" por excelência; como tal, antes de tudo ele deve servir de exemplo para os outros, de tal forma que o seu comportamento possa constituir um ponto de referência para todos. Além disso, uma ação pastoral eficaz requer que ele conheça os destinatários e adapte as suas intervenções à situação de cada um: Gregório passa a explicar as várias categorias de fiéis, com anotações intensas e pontuais, que podem justificar a avaliação de quem viu nesta obra também um tratado de psicologia. Daqui, compreende-se que ele conhecia realmente o seu rebanho e falava de tudo com as pessoas da sua época e da sua cidade. [http://www.vatican.va/holy\\_father/benedict\\_xvi/audiences/2008/documents/hf\\_ben-xvi\\_aud\\_20080604\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/audiences/2008/documents/hf_ben-xvi_aud_20080604_po.html)

Bento XVI afirma que a *Regra Pastoral* é “um tratado de Psicologia” porque Gregório estabelece, de modo sistemático, a necessidade de que o ensino se adapte “à situação de cada um”. Na audiência anterior (28-05-08), em discurso também dedicado a Gregório, Bento XVI oferece um resumo biográfico desse Papa:

Hoje gostaria de apresentar a figura de um dos maiores Padres da história da Igreja, um dos quatro Doutores do Ocidente, o Papa São Gregório, que foi Bispo de Roma entre 590 e 604, e que mereceu da tradição o título de *Magnus/Grande*. Gregório foi verdadeiramente um grande Papa e um grande Doutor da Igreja! Nasceu em Roma, por volta de 540, de uma rica família patrícia da *gens Anicia*, que se distinguiu não só pela nobreza de sangue, mas também pela dedicação à fé cristã e pelos serviços prestados à Sé Apostólica. Desta família nasceram dois Papas: Félix III (483-492), trisavô de Gregório, e Agapito (535-536). (...)

Gregório entrou cedo na carreira administrativa, que também o pai tinha seguido, e em 572 alcançou o seu ápice, tornando-se prefeito da cidade. (...) Contudo, esta vida talvez não o satisfizesse porque, não muito tempo depois, deixou qualquer cargo civil, para se retirar na sua casa e iniciar a vida de monge, transformando a casa de família no mosteiro de Santo André "al Celio". (...) Mas o retiro claustral de Gregório não durou muito tempo. A preciosa experiência maturada na administração civil

num período caracterizado por graves problemas, as relações mantidas nesse cargo com os bizantinos, a estima universal que tinha adquirido, levaram o Papa Pelágio a nomeá-lo diácono e a enviá-lo a Constantinopla como seu "apocrisário", hoje dir-se-ia "Núncio Apostólico", para favorecer a superação dos últimos vestígios da controvérsia monofisita e sobretudo para obter o apoio do imperador no esforço de conter a pressão longobarda. A permanência em Constantinopla, onde um grupo de monges tinha retomado a vida monástica, foi importantíssima para Gregório, porque lhe deu a ocasião de adquirir experiência directa com o mundo bizantino, assim como de entrar em contacto com o problema dos Longobardos, que depois teria posto à dura prova a sua habilidade e a sua energia nos anos do Pontificado. Depois de alguns anos foi chamado de novo para Roma pelo Papa, que o nomeou seu secretário. [...] tendo morrido o Papa Pelágio II] o clero, o povo e o senado foram unânimes em escolher como seu sucessor na Sé de Pedro precisamente a ele, Gregório. Ele procurou opor resistência, tentando até a fuga, mas sem êxito: no final teve que ceder. Era o ano 590. (...) Desde o início revelou uma visão singularmente lúcida da realidade com a qual se devia medir, uma extraordinária capacidade de trabalho ao enfrentar os assuntos quer eclesiásticos quer civis, um constante equilíbrio nas decisões, até corajosas, que o cargo lhe impunha. (...)

Preocupou-se com a conversão dos jovens povos e da nova organização civil da Europa: os Visigodos da Espanha, os Francos, os Saxões, os imigrados na Bretanha e os Longobardos, foram os destinatários privilegiados da sua missão evangelizadora. Celebrámos ontem a memória litúrgica de Santo Agostinho de Cantuária, o chefe de um grupo de monges encarregados por Gregório de ir à Bretanha para evangelizar a Inglaterra. ([http://www.vatican.va/holy\\_father/benedict\\_xvi/audiencias/2008/documents/hf\\_ben-xvi\\_aud\\_20080528\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/audiencias/2008/documents/hf_ben-xvi_aud_20080528_po.html))

Dentre as “corajosas decisões” de Gregório, destaca-se precisamente a pastoral para a conversão dos povos bárbaros, autorizando seus missionários a ceder às tradições bárbaras no que fosse accidental. A famosa dualidade, que, segundo Hegel, constitui a Idade Média – e que tantos vestígios pagãos deixou no cristianismo (dos nomes dos dias da semana aos símbolos da Páscoa, chamada de *Easter* em inglês; *Oster* em alemão) são fruto dessa opção pastoral.

### **Tipos de Temperamento e Educação**

Dentre os resgates modernos da antiga consideração dos temperamentos, um dos mais fecundos para a Psicologia da Educação é o da teoria dos Tipos de Temperamento, elaborada por David Keirsey.

Trata-se de uma retomada - a partir dos *Tipos Psicológicos* de Jung e das pesquisas de Isabel Myers (co-autora da obra fundante *Please Understand Me*) - da

doutrina dos 4 temperamentos da antiga Grécia. Embora Keirsey se esforce por traçar paralelos com Hipócrates e Platão, há substanciais diferenças. Seja como for, o site oficial de Keirsey define: “Temperamento é uma *configuração* de traços observáveis da personalidade, tais como os hábitos de comunicação, padrões de ação, e conjuntos de características, atitudes, valores e talentos. Engloba também necessidades pessoais, os modos de contribuição dos indivíduos no trabalho e os papéis que desempenham na sociedade<sup>1</sup>”.

Keirsey baseia-se nas funções e disposições descritas por Jung (daí também a estranheza que a terminologia pode causar ao leitor leigo, que, inadvertido, facilmente pode ser levado a equívoco). Assim, considera os pares opostos de preferências: I/E (Introversão/ Extroversão); S/N (*Sensible* / iNtuição); T/F (*Thinking* / *Feeling*) e J/P (Julgamento / Percepção).

As diferenças principais<sup>2</sup> entre as propostas de Keirsey e a de Jung, são assim apresentadas por Ramos da Silva:

“De modo geral, Keirsey e Bates introduzem, em relação à tipologia junguiana, dois aspectos diferenciadores. O primeiro relaciona-se à introversão e extroversão, consideradas não mais como atitudes ou dimensões básicas mas como um par de dimensões no mesmo grau de igualdade com as demais, cuja importância é, de certa forma, minimizada pelos autores. O segundo aspecto relaciona-se à introdução do par de preferências denominadas percepção / julgamento ou atitude judicativa (P/J). Essas diferenciações atribuem à tipologia apresentada pelos autores um caráter inovador, que a diferencia da tipologia original de Jung e de Myers-Briggs.<sup>3</sup>”

Numa comparação com os modelos da Física, o temperamento será basicamente uma “molécula”, uma composição pela união de dois “átomos” de preferências básicas. Para Keirsey, os temperamentos se configuram como quatro possíveis combinações, aliás assimétricas.

Começa-se indagando se a pessoa tem uma preferência S ou N (*Sensible* ou iNtuition): S é a preferência por fatos, o realismo dos fatos, “pé no chão”, sem contemplações, sem devaneios: achar que os fatos falam por si. Para compreendermos o N - em contraste com o S -, recorramos, uma vez mais, a M. L. Ramos da Silva:

“Enquanto a pessoa realista e sensata (S) é geralmente prática, não tolera falta de bom senso e é cuidadosa na observação dos detalhes, a pessoa intuitiva é geralmente inovativa, utiliza metáforas, imagens vívidas, convive com devaneios e desfruta a fantasia e a ficção. A pessoa que se caracteriza pela sensatez, acredita nos fatos, lembra-se deles, aprende com a experiência e, quando conversa e interage com outras pessoas, está basicamente interessada em suas experiências, em suas histórias de vida. Para a pessoa intuitiva, que Keirsey/Bates denominam com a letra N (2ª. letra da palavra intuição)

<sup>1</sup> [www.keirsey.com/handler.aspx?s=keirsey&f=fourtemps&tab=1&c=overview](http://www.keirsey.com/handler.aspx?s=keirsey&f=fourtemps&tab=1&c=overview)

<sup>2</sup> Para uma análise mais completa, veja-se: Silva, M. de L. Ramos da: *Personalidade e Escolha Profissional – subsídios de Keirsey e Bates para a orientação Vocacional*, S. Paulo, EPU, 1992, pp. 31 e ss.

<sup>3</sup> *Op. cit.*, p. 43.

para não a confundir com a letra I, de introversão, o possível está sempre diante dela, excitando-a e atraindo sua imaginação, pois, para ela, a vida é repleta de possibilidades. Por essa razão, trabalha principalmente no tempo futuro e com ideias complexas, procurando organizá-las num todo harmônico. Essas visões e intuições podem manifestar-se em qualquer âmbito do conhecimento, como na filosofia, nas artes e na vida social. A pessoa realista também possui intuições, mas como não lhes dá muita importância, ignorando-as e não confiando nelas, estas acabam por ficar estáticas e paralisadas. Por outro lado, a pessoa intuitiva, como tende a ignorar a realidade, acaba perdendo contato com o ambiente que a cerca. O intuitivo vive na antecipação: tudo o que é, é percebido apenas como um ponto de referência e, por essa razão, experimenta frequentemente uma vaga sensação de insatisfação e de inquietude, aborrecido com a realidade presente, já que está sempre voltado para as possibilidades de mudança ou de aperfeiçoamento do real. Consequentemente, pode passar de uma atividade a outra sem terminar nenhuma delas. Para a pessoa realista, o intuitivo se configura como uma pessoa inconstante, "voadora". A pessoa S configura-se para o intuitivo como exasperantemente lenta em perceber as possibilidades do amanhã, muito "pés no chão"(...) Finalmente, enquanto a pessoa realista valoriza a experiência, a sabedoria do passado e é essencialmente prática, a pessoa intuitiva, valoriza a intuição, a visão de futuro, é mais especulativa e voltada para a inspiração do momento (...) as palavras-chave que caracterizam a pessoa intuitiva são: possível, fantasia, ficção, imaginação<sup>4</sup>.

Se a preferência for S, o tipo temperamental se complementa com a união com um dos dois átomos da oposição P/J. Assim, temos já dois dos quatro possíveis temperamentos: SP e SJ. P é a preferência por situações abertas, por agir sem procedimentos padrão, rotinas, esquemas e prazos; já a preferência J é pelos procedimentos bem-ordenados, com normas estabelecidas, prazos etc.

O temperamento SP move-se pela ação, pela ação impulsiva; pela busca do prazer, do lúdico. Ou em um artigo mais recente de Ramos da Silva:

“Em função das reações que o caracterizam, o tipo SP (realista perceptivo) necessita de ação e liberdade, repudiando planos e objetivos a longo prazo. Indiferente a hierarquias baseadas em títulos e regulamentos rígidos, é o mais fraternal de todos os tipos e o mais apto a resolver situações de crise. O tipo SJ (realista judicativo), ao contrário, não gosta de improvisações e adapta-se com facilidade aos regulamentos, às regras e aos diversos modos de trabalho nas organizações, respeitando sempre as hierarquias. Por essa razão, o dever e a

---

<sup>4</sup> *Op. cit.*, pp. 39-40.

responsabilidade em relação a tudo que lhe diz respeito representam suas características pessoais marcantes<sup>5</sup>.”

Se a preferência for N, a complementação – como dizíamos assimétrica – dar-se-á com algum dos “átomos” do par F/T, respectivamente, a preferência pela abordagem pessoal (F de *Feeling*) e sensível em oposição à abordagem fria e “objetiva” (T de *Thinking*). No artigo citado, Ramos da Silva resume os correspondentes temperamentos NT e NF: “O perfil NT (intuitivo racional) orienta-se para a competência, a capacidade e o saber. Aprender é uma preocupação constante, já que é o mais autocrítico de todos os perfis, sentindo compulsão para modificar o ambiente em que atua. O NF (intuitivo sensível), por sua vez, orienta-se essencialmente para a sua auto-realização e a defesa de sua individualidade, integridade e coerência interna, trabalhando mediante uma visão de perfeição interior.”

Com a combinação desses 4 temperamentos com as preferências I/E e o outro par surgirão os 16 (sub) tipos (ou, em outras análises de Keirsey, que desconsideram o par E/I, 8 (sub)tipos)).

Para além dos detalhes técnicos, o importante é que Keirsey tira relevantes conclusões para o ensino, para o estilo de aprendizagem, organização das atividades escolares etc. em função da discussão da adaptabilidade ao “estilo” de cada temperamento e tipo. Tal como Gregório em sua *Regula*.

### **A *Regula* e a Psicologia da Educação**

Já o “Prólogo” da parte III da *Regula Pastoralis*<sup>6</sup>, é todo um revolucionário manifesto do ensino personalizado:

Quia igitur qualis esse debeat pastor ostendimus, nunc qualiter doceat demonstramus. Ut enim longe ante nos reverendae memoriae Gregorius Nazianzenus edocuit (Orat. 1), non una eademque cunctis exhortatio congruit, quia nec cunctos par morum qualitas astringit. Saepe namque aliis officium, quae aliis prosunt. Quia et plerumque herbae quae haec animalia nutriunt, alia occidunt; et lenis sibilus equos mitigat, catulos instigat. Et medicamentum quod hunc morbum imminuit, alteri vires jungit; et panis qui vitam fortium roborat, parvulorum necat. Pro qualitate igitur audientium formari debet sermo doctorum, ut et ad sua singulis congruat, et tamen a communis aedificationis arte nunquam recedat. Quid enim sunt intentae mentes auditorum, nisi ut ita dixerim, quaedam in cithara tensiones stratae chordarum? quas tangendi artifex, ut non sibimetipsi dissimile canticum faciat, dissimiliter pulsat. Et idcirco chordae consonam modulationem reddunt, quia uno quidem plectro, sed non uno impulsu feriuntur. Unde et doctor

---

<sup>5</sup> Silva, Maria de Lourdes Ramos da “O Referencial de Keirsey e Bates como um dos Fundamentos da Ação Docente”, Revista *Mirandum*, São Paulo, CEMOrOc-Feusp / IJI-Univ do Porto, 2003, N. 14. <http://www.hottopos.com/mirand14/malu.htm>, acesso em 19-03-09.

<sup>6</sup> Citaremos o original latino pela edição que se encontra em: <http://iteadjmj.com/PATROW/regpast.doc>. E apresentaremos a tradução ao castelhano da edição que se encontra em: [http://relibros.org/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_details&gid=397&Itemid=1](http://relibros.org/index.php?option=com_docman&task=doc_details&gid=397&Itemid=1)

quisque, ut in una cunctos virtute charitatis aedificet, ex una doctrina, non una eademque exhortatione tangere corda audientium debet.<sup>7</sup>

Gregório é tão radical em seu projeto, que, no capítulo 1 distingue 68 tipos diferentes de educandos (levando em conta sexo, estado social, hábitos morais adquiridos, idade, condições diversas etc.), dispostos em 34 pares de opostos (caps. 2 a 35), com as correspondentes indicações de como deve ser o ensino, em cada caso:

Quanta debet esse diversitas in arte praedicationis.  
Aliter namque admonendi sunt viri, atque aliter feminae.  
Aliter juvenes, aliter senes.  
Aliter inopes, aliter locupletes.  
Aliter laeti, aliter tristes.  
Aliter subditi, aliter praelati.  
Aliter servi, aliter domini.  
Aliter hujus mundi sapientes, aliter hebetes. (...) (...) <sup>8</sup>

---

<sup>7</sup> Ya que dejamos expuestas las cualidades del pastor de almas, pasemos ahora a considerar cómo debe ser su enseñanza y dirección. Pues, según las instrucciones que hace muchos años nos dio Gregorio Nacianceno, de venerada memoria, no cuadra bien a todos una sola y misma exhortación, así como no todos flaquean por el mismo lado en sus costumbres. Lo que para unos resulta perjudicial, a veces resulta provechoso para otros; pues los pastos que a estos animales alimentan, a aquellos los matan; y mientras los caballos se amansan con un suave silbido, los perros se exasperan. Del mismo modo, la medicina que alivia una enfermedad agrava la otra, y el pan que robustece a los adultos daña a los niños de leche. Deben por tanto adaptar sus palabras y consejos los padres espirituales a la condición y capacidad de sus oyentes de suerte que se le apliquen a cada cual lo que le convengan, con tal que no se aparten en general del buen método de aprovechamiento y edificación. Las almas que se disponen a escuchar se asemejan en cierto modo a las cuerdas en tensión de una cítara: el artista que ha de tañirlas para producir una melodía acorde, las pulsa de diferentes maneras. Y si las cuerdas dan una modulación armoniosa, es porque el artista las hiere con el mismo plectro, pero no con la misma intensidad. Del mismo modo el maestro del alma debe pulsar el corazón de sus oyentes, para modular en todos ellos la misma virtud de la caridad con una misma doctrina, pero no con un mismo género de exhortación.

<sup>8</sup> Ha de amonestarse de distinta manera: a los hombres, que a las mujeres; a los jóvenes, que a los viejos; a los pobres, que a los ricos; a los alegres, que a los tristes; a los súbditos, que a los superiores; a los siervos, que a los amos; a los sabios de este mundo, que a los idiotas; a los descarados, que a los vergonzosos; a los presuntuosos, que a los cobardes; a los coléricos, que a los pacientes; a los bondadosos, que a los envidiosos; a los sencillos, que a los maliciosos; a los sanos, que a los enfermos; a los que, por temor del castigo, viven en la inocencia, que a los que están tan encallecidos en el mal, que ni aun con los castigos se enmiendan; a los taciturnos, que a los habladores; a los perezosos, que a los atropellados; a los mansos, que a los iracundos; a los humildes, que a los soberbios; a los tercos, que a los inconstantes; a los glotones, que a los sobrios; a los que por caridad dan de lo suyo, que a los que acostumbran a apoderarse de lo ajeno; a los que ni roban lo ajeno ni dan de lo suyo, que a los que, si bien dan lo que tienen, no dejan de apoderarse de lo ajeno; a los perturbadores, que a los sosegados; a los sembradores de discordias, que a los amadores de la paz; a los que interpretan torcidamente las palabras de la Sagrada Escritura, que a los que, interpretándolas rectamente, las predicán con poca humildad; a los que, siendo capaces de predicar bien, no lo hacen por excesiva humildad, que a aquellos que, por más que estén impedidos para hacerlo por su edad o sus defectos, se lanzan precipitadamente a la predicación; a los que prosperan en todo negocio temporal que emprendan, que aquellos que, ambiciosos de los bienes del mundo, se ven desilusionados por los reveses de fortuna; a los que están ligados con los vínculos del matrimonio, y a los que están libres de ellos; a los que han experimentado las flaquezas de la carne, que a los castos; a los que adolecen de pecados de obra, que a los que pecan de pensamiento; a los que lloran los pecados cometidos y no se resuelven a abandonarlos, que a los que los abandonan pero no los lloran; a los que se glorían de las malas acciones que cometen, que a los que detestan sus pecados, pero no los evitan; a los que caen vencidos por recias tentaciones, que a los que permanecen en la culpa deliberadamente; a los que cometen continuas faltas, pero pequeñas, que a los que se guardan de las leves y a veces se precipitan en las más graves; a los que ni siquiera emprenden obra buena, que a los que no llegan a terminarla después de comenzada; a los que obran el mal en secreto y el bien en público, que a los que ocultan el bien que hacen y, sin embargo, dan motivo con ciertas acciones para que se hable de ellos mal públicamente.

### **A *conspersio*, o temperamento como fator de diferenciação**

Em meio a essa imensa variedade, Gregório indica também um fator básico de alguns casos: a *conspersio*, que, no caso<sup>9</sup>, indica temperamento.

Um exemplo. Falando de pessoas alegres ou tristes, diz Gregório (III, 3) que a tristeza ou a alegria podem decorrer não das ocorrências da vida, mas pelo temperamento (*consersionibus*), do mesmo modo que, nos tipos de temperamento de Keirse, a alegria (e a sensualidade) é associada aos SP. E nessa mesma linha, afirma que certos vícios estão mais próximos de certos temperamentos (*consersionibus*) (como a luxúria para os alegres) e que cada um deve ter em conta o que carrega consigo como temperamento e as tendências que lhe são próprias... O próprio pregador deve estar atento à sua *conspersio*. Como no caso dos SP de Keirse, que, propensos naturalmente à alegria, deixam-se abater facilmente por problemas e dificuldades e têm o mais baixo índice de tolerância à ansiedade<sup>10</sup>, o pregador alegre por *conspersio* deve estar prevenido quanto à sua vulnerabilidade ante tristezas que aparecem repentinamente e não se deixar abater.

Se a palavra *temperamento* remete a formar um todo harmônico no qual as partes estão na devida medida (como em tempero de salada ou têmpera do aço), *conspersio* indica também uma mistura, uma composição de unidade: é a massa sobre a qual agiu o fermento e que tem suas qualidades próprias. Nos Padres aparece sobretudo na metáfora de I Cor 1, 5: *Expurgate vetus fermentum, ut sitis nova conspersio*. Daí que Gregório estenda a metáfora às disposições temperamentais, nossa constituição, que tanta importância tem, também para a educação.

Recebido para publicação em 10-10-09; aceito em 10-12-09

---

<sup>9</sup> Cf. Gregorio Magno *La Regla Pastoral*, Madrid, Ciudad Nueva 1993, p. 244n. e A. Blaise *Dictionnaire Latin-Français des Auteurs Chrétiens*, Brepols, 1958.

<sup>10</sup> Keirse, David & Bates, Marilyn *Please Understand me*, 4th ed., Del Mar, Prometheus Nemesis, 1984, p. 198.